

Reunião começa sob o quadro otimista de expansão mundial

por Celso Pinto
de Berlim Ocidental

A economia mundial deverá crescer neste ano bem mais do que estava previsto em abril, acompanhada de uma sólida expansão do comércio internacional e de um aumento ainda não muito preocupante das taxas de inflação nos países desenvolvidos.

Este cenário basicamente otimista será o pano de fundo central da reunião anual do FMI e do Banco Mundial (BIRD) que será realizada nos próximos dias em Berlim Ocidental. A performance esperada pelo FMI para a economia neste ano é a melhor dos últimos 15 anos e, embora se espere uma taxa um pouco menor em 1989, ela ainda será bastante razoável.

O "World Economic Outlook" (Perspectivas da Economia Mundial), preparado pelo Fundo, e que será divulgado nesta segunda-feira, só traz más notícias para os países em desenvolvimento, especialmente os exportadores de petróleo. Alguns números das projeções do FMI contidas nos documentos dos países em desenvolvimento reunidos no Grupo dos 24, indicam que enquanto a economia mundial crescerá, em média, 3,8% este ano (0,8% acima da previsão anterior), os industrializados ficarão com 3% (mais 1,1% em relação a abril), enquanto os subdesenvolvidos crescerão 3,9% (menor em 0,1% sobre abril). Os exportadores de petróleo em desenvolvimento crescerão apenas 1,2% (menos 0,4% sobre abril).

Embora as projeções um pouco mais altas para a inflação, que poderão se refletir em taxas mais altas de juros, sejam algo preocupante, o cenário é otimista e reflete em boa medida esforços bem sucedidos de coordenação da política econômica entre países desenvolvidos. Os desequilíbrios de balanços de pagamento entre os países ricos persistem, mas os sinais de maior estabilidade são mais encorajadores.

Como esta questão da coordenação das políticas, estabilização cambial e retomada do crescimento sem pressões inflacionárias foram temas centrais de discussão no FMI nos últimos anos, as notícias serão certamente bem recebidas.

DÍVIDA EXTERNA

Bem menos admiradora é a perspectiva para o outro problema que monopolizou as atenções no FMI desde 1982: a dívida externa.

Esta reunião deverá ser marcada pela discussão, de forma mais aprofundada e generalizada, de esquemas de redução da dívida externa. Duas propostas, uma do Japão, outra da França, poderão eventualmente ser colocadas formalmente em cena — elas caminham na direção da montagem, pelos países ricos, de esquemas de garantia para que os bancos aceitem reduzir o valor da dívida a níveis praticados no mercado secundário.

Não se espera nenhuma decisão — e, normalmente, reuniões do FMI são escassas em decisões. No entanto, o fato de o tema passar a ser discutido abertamente quando, há pouco tempo, era "pornográfico", nas palavras do diretor-gerente do FMI, Michel

Camdessus, já é significativo. A questão da redução deverá aparecer no documento do Grupo dos 24, poderá eventualmente entrar nas conversas do Comitê Interino e no de Desenvolvimento (que tratam de estratégias para o Fundo e o BIRD e se reúnem neste final de semana) e certamente permearão discursos de vários ministros, quando a assembléia formal for instalada, a partir de terça-feira.

Formalmente, na reunião do Comitê Interino, o que deverá ser enfatizado em relação à dívida é a consolidação da política de extensão das linhas de financiamento ampliadas para países médios (para até quatro anos), e das linhas de empréstimo com juros concessionais para os países mais pobres.

O BIRD vem a Berlim com uma mudança de tom que deverá marcar o discurso de seu presidente, Barber Conable, na terça-feira, e transparecerá na reunião do Comitê de Desenvolvimento, um dia antes: reenfatizar o seu papel na luta contra a pobreza mundial. Esta ênfase foi posta durante a gestão do ex-presidente Robert Mac-Namara, nos anos 60, mas hibernou com os dois presidentes que o sucederam. Conable quer ressuscitar o tema, com novos enfoques. Como disse o diretor de assuntos externos do banco, Francisco Aquirre-Sacasa,

a jornalistas latino-americanos, enquanto na era Mac-Namara procurava-se elaborar projetos complexos, especialmente no setor agrícola, agora esta preocupação deverá se materializar em projetos mais simples, localizados. "Aprendemos algumas lições", diz Sacasa.

MEIO AMBIENTE

Outro tema relevante para o BIRD, e particularmente nesta reunião, é o meio ambiente. O banco montou um departamento, com 50 a 60 técnicos, só para cuidar da questão tanto em função de uma crescente preocupação interna quanto empurrado por pressões externas.

O banco conseguiu, desde a última reunião anual, marcar alguns tentos. Além de ter obtido, finalmente, a aprovação para o aumento, de US\$ 75 bilhões, de seu capital, conseguiu praticamente completar a subscrição: só 8 entre os 150 países-membros ainda não aprovaram formalmente. No ano fiscal encerrado em junho foram aprovados US\$ 20,6 bilhões em empréstimos, o maior nível da história, sendo 40% para a Ásia e 27% para a América Latina. Dos US\$ 5,3 bilhões emprestados aos países latino-americanos, 40% foram em empréstimos setoriais ou estruturais, ligados a condicionalidades de política econômica — um claro indicio do

sucesso do BIRD na tentativa de desempenhar um papel ampliado na questão da dívida, cujos problemas foram concentrados nesta região.

O sentido do ajuste é claro. Segundo o economista principal do BIRD para a região, Marcelo Selowsky, na análise do comportamento dos países, fica claro que os que fizeram ajustes fiscais expressivos, e cedo, aproveitaram melhor a conjuntura favorável deste ano, com um aumento de 15% no volume de exportação mas um crescimento de apenas 2,5% no PIB médio na área. Quem não fez ajuste, melhorou o saldo externo, mas cresceu menos e teve problemas inflacionários, casos do Brasil e Argentina. Em sua opinião, o México, que fez um duro ajuste fiscal, qualifica-se, agora, a fazer reformas estruturais mais profundas e retomar uma taxa expressiva de crescimento.

AJUSTE, CONDIÇÃO BÁSICA

Embora haja sinais de mais flexibilidade na discussão de alternativas para a dívida externa, está claro (e isto será reafirmado em Berlim) que o ajuste interno dos devedores continuará sendo a condição básica para qualquer alternativa.

O Brasil, neste ano, ficará no prosaísmo mas por razões muito distintas das reuniões anteriores do FMI. Tendo assinado um acordo com os bancos e encerrado a moratória dias antes de vir a Berlim, o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, chegou na sexta-feira na condição de bom devedor. Mais do que isso: as opções incluídas no cardápio do acordo brasileiro têm sido apresentadas como sinal pragmático da possibilidade de encontrar-se formas de reduzir a dívida voluntária e cooperativamente com os bancos, como prova de que a questão da dívida está menos dramática hoje — o que certamente é um exagero.

O fato é que o centro da reunião do FMI, que a partir da crise da dívida, em 82, deslocou-se, em muitos anos, para a dívida, deverá manter-se mais nos limites de suas preocupações tradicionais com a liquidez, o câmbio, o crescimento e a coordenação de políticas entre países desenvolvidos.